

## 25 anos da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores Regional São Paulo

Josyane Rita de Arruda Franco



A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores Regional São Paulo (Sobrames SP) completa 25 anos nesta primavera de 2013. É um feito extraordinário quando se admite que escrever literatura não científica como parte da atribulada vida de um médico não é tarefa costumeira; exige um temporário desprendimento do mundo da ciência para acontecer a imersão em um fantástico e criativo universo de letras em prosa e verso.

A excentricidade da corajosa atitude de fundar uma entidade literária de médicos resultou, ao longo de duas dé-

cadadas e meia, em um encontro mensal de amigos que foram agregando outros tantos. Oriundos de diversas profissões liberais e apreciando o ambiente amistoso e acolhedor das noites de literatura e confraternização, muitos acabaram por descobrir o talento para a arte de escrever, então adormecido pela faina cotidiana.

A sociedade que era de médicos escritores coloriu a branquura dos jalecos com as tintas descontraídas da alegria e da amizade, acolhendo novos associados. E logo se tornou insuficiente encontrar os amigos de letras por algumas ho-



ras: foi necessário promover um encontro que durasse mais tempo e no qual mais se pudesse apreciar a verve literária de todos. Nasceram, assim, as Jornadas Médico-Literárias Paulistas, eventos bienais que levam médicos escritores ao interior do Estado de São Paulo para três dias dedicados à literatura e que completaram sua 12ª edição na Cidade Universitária de Botucatu, neste setembro de aniversário.

A Sobrames SP tem realizado vigorosas empreitadas e alçado voos amplos e de grandes altitudes no decorrer de sua profícua existência como agremiação: além dos encontros mensais festivos, chamados Pizzas Literárias, publica coletâneas nos anos pares e antologias nos ímpares, distribui o boletim literário mensal “O Bandeirante”, promove concursos e sabinas literárias, articula com outras agremiações de letras, tem um destacado e dinâmico Blog e, por fim, conquistou recentemente sua desejada sede.

Muitos são os responsáveis por toda essa história vitoriosa, que ainda está engatinhando nos feitos e glórias, pois muito há de vir. Sócios dedicados empenharam vitalidade, liderança, fortaleza e generosidade na regional paulista, qualidades daqueles que acreditam e fazem acontecer. São médicos, advogados, professores, jornalistas e vários outros profissionais que estão irmanados na confraria chamada Sobrames SP; merecem uma página inteira de reconhecida gratidão.

A Sobrames SP foi fundada em 16 de setembro de 1988 em uma pizzaria da capital paulistana que reuniu amigos. Tem uma história riquíssima, cheia de nomes laureados, e é plena de fatos marcantes e inolvidáveis. Faz o percurso de uma vida plena desde que nasceu: engatinhou e, confiante, aprendeu a andar; ao aprender a falar, disse ao mundo que médicos até que escrevem pouco, considerando o muito que podem, e que escrevem muito quando perdidos nas elucubrações e

devaneios das horas silentes que deixam bem abertos os olhos pesados; enquanto crescia, aglutinou risos e emocionadas saudades, conquistou seu espaço no coração de pessoas sensíveis e de mente aberta; amadurecida, trabalhou em silêncio e empenhou-se na busca do seu teto, da casa que abrigaria o maravilhoso acervo literário de seus membros associados. E, finalmente, encontrou guarida e reduto em uma Casa de Médicos, lugar de reconhecido prestígio na comunidade científica do país: a Associação Paulista de Medicina (APM).

Por tudo isso, a primavera de 2013 parece bem mais florida! As cores desabrocham em ricas nuances: é tempo de reencontrar o perfume da natureza, o ardente brilho do sol, o calor que prepara o verão. Logo, estaremos fazendo outros planos, traçando novos rumos para os inevitáveis descaminhos. O fim do ano já acena com a aproximação do tempo futuro!

A Sobrames SP tem o destino de crescer e conquistar, congregando amigos recém-chegados, agregando novos sócios, receber com alegria os visitantes, acolher todo verso e toda prosa declamados e narrados com ardor e sensibilidade.

Muitos outros podem fazer parte dessa história vencedora: basta que levem um sorriso ou a vontade de saborear uma pizza, ou ainda um pedaço de papel que contenha a riqueza das palavras aprisionadas na paixão ou estejam autenticamente libertas... Ou ainda um pouco de cada coisa, desde que encontrem a oportunidade de conhecer o que é pertencer a esse extraordinário universo literário que merece esta data querida por muitos e muitos anos!

Parabéns, Sobrames São Paulo!

---

**Josyanne Rita de Arruda Franco**  
Médica Pediatra — Jundiaí  
Presidente da Sobrames-SP

# Médicos cubanos

Ives Gandra da Silva Martins



dizem médicos — são servidores do Estado e recebem daquela ditadura o que esta deseja pagar-lhes — para colocar em áreas desfavorecidas do Brasil, sem que sejam obrigados a revalidar seus títulos nos únicos órgãos que podem fazê-lo, ou seja, os Conselhos de Medicina.

Desta forma, trata desigualmente os médicos brasileiros, todos sujeitos a terem a validade de sua profissão reconhecida pelos Conselhos Regionais, e os estrangeiros que estão autorizados exclusivamente pelo governo a exercerem a medicina.

O tratamento diferencial fere drasticamente o princípio da isonomia constitucional (art. 5º, *caput* e inciso I) sobre

escancarar a nítida preferência por um regime que, no passado, assassinou milhares de pessoas contrárias a Fidel em “paredons” e sem julgamento e que, no presente, não permite a pessoas livremente entrarem e saírem de seu país, salvo rígido controle. Pior que isto, remunerará os médicos cubanos que trabalharem no Brasil em valores consideravelmente inferiores aos dos outros médicos que aqui estão. É que o governo brasileiro financiará, através deles, o próprio governo de Cuba, o qual se apropriará de mais da metade de seu salário.

Ora, a meu ver, tal tratamento diferencial fere a legislação trabalhista, pois médicos exercendo a mesma função não poderão ter salários diversos.

O inciso XXX do art. 7º da Constituição Federal proíbe a distinção de remuneração no exercício de função.

Ocorre que pretende o Estado brasileiro esquivar-se do tratamento isonômico alegando que acordo internacional permite-lhe pagar diretamente a Cuba, que remunerará seus

A preferência da Presidente Dilma pelos regimes bolivarianos é inequívoca. Basta comparar a forma como tratou o Paraguai, onde a democracia é constitucionalmente mais moderna, por adotar mecanismos próprios do sistema parlamentar (*recall* presidencial), ao afastá-lo do MERCOSUL, e como trata a mais sangrenta ditadura latino-americana, que é a de Cuba.

Financia seu regime com dinheiro que melhor poderia ser utilizado para atender o SUS, dando-lhe maior eficiência em estrutura e incentivos.

Em período pré-eleitoral, decidiu trazer médicos de outros países para atender a população do interior, sem oferecer, todavia, condições necessárias para que tenham estas regiões carentes hospitais e equipamentos. Empresta dinheiro a Cuba e a outros países bolivarianos, mas não aplica, no país, o necessário para que haja a assistência gratuita, no mínimo civilizada.

O cúmulo desta irracional política, contudo, parece ocorrer na admissão de quatro mil agentes cubanos, que se

médicos com 25 ou 40% do valor que os outros médicos, brasileiros ou não, aqui receberão.

É pacífica a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal de que os tratados entram em nosso ordenamento jurídico como lei ordinária especial, vale dizer, não podem sobrepor-se à Constituição a não ser na hipótese de terem sido aprovados em 2 turnos e nas duas Casas Legislativas por 3/5 dos congressistas (§ 3º do art. 5º da CF).

Ora, à evidência, o acordo realizado pelo governo brasileiro não tem o condão de prevalecer sobre a Carta Magna, por ter força de lei ordinária especial, sendo, pois, de manifesta inconstitucionalidade. Francisco Rezek, quando ministro do STF, certa vez sobre a denominada “fumaça do bom direito” que justifica a concessão de liminares contra atos ou leis inconstitucionais, declarou, em caso de gritante inconstitucionalidade, que a fumaça do bom direito era tão grande que não conseguia vislumbrar o rosto de seus pares colocados na bancada da frente. Para a manifesta inconstitucionalidade do ato a imagem do eminente jurista mineiro calha como uma luva. O tratado do Brasil com a ditadura cubana fere o art. 7º, inciso XXX, da CF.

O que me preocupa, todavia, é como uma pequena ilha pode dispor de um número enorme de “médicos exportáveis”, que, se fossem bons, não deveriam correr risco nenhum de serem avaliados por médicos brasileiros dos Conselhos Regionais, e não por funcionários do governo federal.

Pergunto-me se tais servidores cubanos não terão outros objetivos que não apenas aqueles de cuidar da saúde pública. Afinal quando foram para Venezuela, o país se tornou gradativamente uma semiditadura, na qual as oposições e a imprensa são sempre reprimidas.

E a hipótese que levanto preocupa-me mais porque foi, a presidente, guerrilheira, e muitos de seus companheiros de então tinham sido treinados em Cuba e pretendiam impor um governo semelhante no Brasil, como alguns deles afirmaram, publicamente.

Tenho a presidente por uma mulher honesta e trabalhadora, embora com manifestos equívocos em sua política

“(...) remunerará os médicos cubanos que trabalharem no Brasil em valores consideravelmente inferiores aos dos outros médicos que aqui estão.”

geradora de alta inflação, baixo PIB, descontrole cambial e déficit na balança comercial e nas contas externas. O certo, todavia, é que sua preferência pelos regimes bolivarianos e sua aversão ao lucros das empresas talvez estejam na essência de seu comportamento na linha ora adotada.

Respeito a presidente eleita pelo povo, mas tenho receio que suas preferências ideológicas estão na raiz dos problemas que vivemos, inclusive na importação de agentes públicos de Cuba, que se intitulam médicos.

#### **Ives Gandra da Silva Martins**

*Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Superior de Guerra (ESG); Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa da Universidade de Craiova (Romênia) e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO-SP; Fundador e Presidente Honorário do Centro de Extensão Universitária*

# Referência histórica

Duílio Battistoni Filho



Disponível em: <<http://newslink.com.br/wp-content/uploads/2012/03/beneficencia.jpg>>

A Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas completa 140 anos de atendimento à saúde dos campineiros. Desde sua fundação, em 20 de julho de 1873, enfrentou períodos críticos, desafios que pareciam intransponíveis, tendo que travar batalhas gigantescas para manter-se de portas abertas.

Numa época em que a cidade tinha 17.000 habitantes, a iniciativa de fundar um hospital filantrópico foi de Francisco Gonçalves Ferreira Novo, agente consular e comerciante português estabelecido na cidade. Imediatamente, pôde contar com a adesão de 42 portugueses e três brasileiros, que se tornaram sócios efetivos, honorários, benfeitores e beneméritos, com aportes mensais para viabilização da instituição. O mais importante é que a casa contou com toda a segurança jurídica do advogado Manoel Ferraz de Campos Salles, que mais tarde se tornaria Presidente do Brasil, no período de 1898 a 1902.

Por sua importância histórica, o nosocômio nunca ficou de fora do roteiro dos membros da corte imperial brasileira, pois, em 1884, a Princesa Isabel, acompanhada do marido, Conde D'Eu, visitou suas instalações, assim como o imperador D. Pedro II, dois anos mais tarde. Este deixou uma contribuição de Rs 200\$000 mil réis. Em 1907, um alvará expedido pelo Rei Carlos I, de Portugal, conferiu o título de nobreza “Real” ao hospital, como mostra o documento amarelado e emoldurado num lugar de honra no salão nobre. Em 1938, o Gover-

no Federal, pelo Decreto n. 383, de 18 de abril, proibiu a separação na vida interna das sociedades entre elementos brasileiros e não brasileiros. Era a chamada “nacionalização das associações estrangeiras”, que tiveram que moldar seus estatutos às novas condições estabelecidas por lei.

Hoje, graças aos investimentos financeiros, o hospital oferece serviços em várias especialidades, por meio de equipamentos de última geração, disponibilizando três procedimentos de média e alta complexidade a associados de planos de saúde conveniados com o hospital. Um deles é o transplante de medula óssea. Outra iniciativa foi a implantação de cirurgia bariátrica. As cirurgias cardíacas também se tornaram realidade. E a equipe de nefrologia foi lembrada e contemplada com a litotripsia, um moderno equipamento que fragmenta cálculos renais e afasta a necessidade de cirurgia. Para isso, o hospital conta com 60 médicos fixos e 1.254 funcionários. No período de janeiro a maio de 2013, 13.007 pacientes deram entrada no Pronto Atendimento, num total de 2.152 cirurgias.

Com a saúde financeira saneada, o hospital está com a imagem e a credibilidade recuperadas perante a classe médica e toda a comunidade.

---

**Duílio Battistoni Filho**

Membro da Academia Paulista de História

# Franklin Delano Roosevelt

Jenner Cruz



Disponível em: <<http://www.nyu.edu/library/bobst/research/arch/175/pages/fdr.htm>>.

Conheci o Prof. Dr. Arary da Cruz Tiriba em 1957, quando ambos entramos, por concurso, para trabalhar no ambulatório da fábrica de automóveis VEMAG, atendendo funcionários e, algumas vezes, seus dependentes.

Como trabalhávamos em períodos diferentes, nosso contato era praticamente nulo, mas mesmo assim sempre acompanhei sua brilhante carreira médica.

Li com prazer a crônica “Café com presidente(s)”, publicada no Suplemento Cultural da APM n. 248, na qual o Prof. Arary relata alguns aspectos da vida do 32º presidente norte-americano e de seu encontro com o nosso presidente Getúlio Dornelles Vargas no decorrer da Segunda Grande Guerra Mundial.

Roosevelt (1882-1945) foi um homem espetacular; sua reação à paralisia, pós-poliomielite, que contraiu na ilha de Campolindo, no Canadá, em agosto de 1921, demonstra claramente a força de seu caráter.

Embora sofrendo muito, tendo ficado, por bastante tempo, quase completamente paralisado, ele se recusou a se deixar abater, a se entregar à depressão, tendo a certeza de que em breve voltaria a usar as pernas. Sua mãe queria que se retirasse para Hyde Park, onde nascera, mas, com o apoio de sua esposa, Eleanor, e de sua secretária, Louis Hove, conseguiu manter o moral, permanecendo ativo em sua carreira e em sua política. Duas semanas depois, já estava escrevendo cartas políticas.

O Prof. Arary descreveu bem a dificuldade que os médicos tiveram em fazer o diagnóstico. Naquele tempo, mesmo médicos conceituados ignoravam muitas facetas da Medicina. Felizmente, como escreveu o Prof. Arary, alguém prescreveu massagens terapêuticas para ativar a circulação.

Em novembro de 1932, Roosevelt foi eleito pela primeira vez Presidente dos Estados Unidos. Seu opositor, o ex-Presidente Hoover, obteve 15.762.000 votos, contra 22.822.000 votos dados a Roosevelt. Acreditava-se na época que a impopularidade de Hoover foi a principal razão de seu fracasso eleitoral. Nos votos eleitorais, a vantagem do partido democrata foi esmagadora, de 472 a 59.

Roosevelt foi o único presidente norte-americano reeleito três vezes.

Quando a Segunda Grande Guerra começou, em setembro de 1939, com a invasão da Polônia por Hitler, Roosevelt convocou uma sessão especial do Congresso para revisar o Ato de Neutralidade, mas os Estados Unidos somente entraram na guerra em 11 de dezembro de 1941, após a invasão de Pearl Harbor, no Havaí, pelos japoneses, quatro dias antes.

Todos os idosos, como eu, recordam-se dos retratos da Conferência de Yalta, também conhecida como Conferência da Crimeia ou do Argonauta, de 4 a 11 de fevereiro de 1945, quando o Presidente Franklin Delano Roosevelt, o Primeiro Ministro Winston Churchill e o Marechal Joseph Stalin se reuniram na Crimeia, próximo de Yalta, na costa do Mar Negro, discutindo várias questões militares sobre a iminente vitória dos aliados contra a Alemanha de Hitler.

Desde janeiro de 1944, Roosevelt ficara hipertenso. Naquela época, não havia nenhum remédio eficaz contra a hipertensão, além de comer sem sal. Os medicamentos existentes no Brasil eram baseados em substâncias de origem vegetal e fenobarbital. Nem sabemos se os médicos dele relacionavam seus males com seus níveis pressóricos. No célebre retrato de Yalta, ele parecia bem. Mas depois, em março, houve novos problemas com os russos, que o obrigaram a trocar correspondência com Stalin. Em abril, ele pretendia estar presente, dia 25, em reunião com representantes de 50 nações (Nações Unidas) em São Francisco, mas antes teve um surto de hipertensão maligna, que culminou com uma hemorragia cerebral maciça e sua morte em 12 de abril de 1945.

Naquele ano, já se sabia da importância do sal na gênese da hipertensão arterial, mas nenhum relato histórico demonstrou que Roosevelt tenha sido aconselhado por seus médicos a diminuir o sal na dieta. Os medicamentos realmente ativos estavam começando a aparecer. A *Rauwolfia serpentina* era utilizada na Índia há mais de 20 anos como hipotensora, mas não era conhecida na medicina ocidental. A hidralazina surgiu em 1950 e, embora desde 1914 Burn e Dale já tivessem mostrado que o cloreto de tetraetilamônio era capaz de bloquear os impulsos nervosos de gânglios autônomos, quer simpáticos, quer parassimpáticos, somente após 1948 pesquisas com seus derivados pentametônio e hexametônio começaram a ser divulgadas.

Em 1955, apresentávamos e publicávamos a importância do uso da associação hidralazina e *Rauwolfia serpentina* no tratamento da hipertensão arterial de longa duração e da remissão de hipertensão maligna, com insuficiência renal avançada, com o brometo de hexametônio, em quatro pacientes. Por poucos anos, Roosevelt não teria falecido com 63 anos de idade.

O desenvolvimento da Medicina há mais de um século foi enorme: a cada pouco, tomamos conhecimento de uma ou mais novidades, porém ficamos aborrecidos porque continuamos a receber hipertensos mal controlados, desenvolvendo doença renal crônica, no Ambulatório da Casa do Renal Crônico em Mogi das Cruzes.

Costumo dizer, exageradamente, que hoje em dia só tem acidente vascular cerebral quem quer e, em mais de noven-

ta por cento das vezes, estou certo. O sal é muito importante na gênese da hipertensão arterial, mas, graças aos diuréticos, que eliminam o sal ingerido, raramente os hipertensos precisam tirá-lo da dieta. Tomando dose certa e diária de um diurético, consegue-se, com a ajuda de outros hipotensores, normalizar quase totalmente a pressão arterial nas 24 horas do dia.

Eliminar o sal da dieta de um paciente meramente hipertenso e não utilizar um diurético é diminuir bastante a sua qualidade de vida, pois quem se habituou com comida salgada não vai passar o resto da vida consumindo comida sem sal.

# Enganado? Quem? Eu?

Percy Arantes Salviano



Disponível em: <<http://kossasomka.blogspot.com.br/>>

Você sabe que está sendo enganado, mas... aceita.

Quando aparece na tevê a propaganda de um cartão de crédito utilizando a imagem de um cachorro, lindo, treinado para torcer junto com o seu dono pela seleção brasileira de futebol: “Brasil, au, au, au. Brasil, au, au, au!”, você sabe que é enganação, uma montagem, mas leva numa boa, com humor. Ainda na telinha, quando vê a propaganda de produtos farmacêuticos miraculosos que fazem nascer cabelo em calvície antiga, ou que eliminam qualquer dor (até de cotovelo), com certeza você não acredita, mas deixa passar batido.

Divagando, imagino que os recursos para enganar o próximo sempre existiram, desde a época da pedra lascada. Só que nos dias atuais essa enganação parece que está excedendo os limites. Não dá mais para saber se a garota que você acha bonitinha é original ou recauchutada, à custa de próteses, Botox, silicones e outros recursos de camuflagem.

Em muitos casos, não dá nem mesmo para saber se é ela ou ele.

Existem dezenas, quiçá centenas, de outras enganações, mais ou menos sofisticadas. Sem contar com as promessas que, de tanto repetidas, nem mesmo a velhinha de Taubaté acredita mais: “o PIB vai crescer este ano, a inflação não vai ultrapassar a meta, a balança comercial vai ser favorável, o déficit público vai diminuir e a carga tributária não vai aumentar”.

E nós, os médicos, não estamos livres das muitas formas de enganação, evidentes ou subliminares, por meio de propagandas em publicações, congressos, jantares ou folhetos artisticamente bem produzidos. E também pela visita de propagandistas aos nossos consultórios, com o antibiótico moderno de amplo espectro e eficácia comprovada, que pode ser usado por todas as vias: oral, tópica, inalatória, sistêmica, ou até por via das dúvidas. Sem falar no anti-inflamatório não hormonal, excepcional, sem efeitos colaterais indesejáveis, que combate com eficácia qualquer inflamação... e eu que pensava que a inflamação fosse uma reação desejável para restabelecer a estrutura do tecido ou do órgão lesado. Além disso, sabe-se que a ação dos “intitulados” anti-inflamatórios decorre principalmente de seu efeito analgésico. Então, por que eles não são propagados como analgésicos? Pergunta bobá, os anti-inflamatórios custam muitas vezes mais que os analgésicos.

Eu sei que estou sendo enganado, mas... deixa pra lá.

---

Percy Arantes Salviano  
Médico Pediatra

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinamateca:** Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*